

COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO “A EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA”

INTRODUÇÃO

Procuramos neste texto colocar algumas idéias e propostas de Robert Ornstein em A Evolução da Consciência, um livro bastante instigante. O nosso cérebro ainda funciona à base de velhas rotinas mentais que atendiam às necessidades emergenciais de sobrevivência e defesa de nossos ancestrais num mundo estável. Entretanto, num mundo sem precedentes como o nosso, esse funcionamento se torna obsoleto. Trata-se como diz Robert Ornstein, de malogros que ocorrem nas nossas falhas de adaptação não de racionalidade, já que não podemos caracterizar nossa mente como fundamentalmente racional. Temos que buscar novas formas de adaptação que mobilizem nossos grandes potenciais de mudança que estão disponíveis. O autor enfatiza que a humanidade progrediu da evolução biológica até a evolução neural e cultural e que temos que partir agora, inexoravelmente, para um processo de evolução consciente.

COMO A MENTE EVOLUIU: ALGUNS ASPECTOS

Nosso cérebro e nossa mente evoluíram ao longo de milhões de anos, segundo o processo evolutivo da seleção natural e adaptação inconsciente ao meio. Vingaram, naturalmente, as adaptações que tinham valor de sobrevivência. A evolução começa com os circuitos nervosos dos primeiros seres vivos até chegar à estrutura cerebral de primata, passando depois aos antropóides (chimpanzés, por exemplo) até chegar ao Homo sapiens. Como as demais adaptações biológicas, a mente humana constitui uma colagem de adaptações a situações específicas em diferentes períodos de evolução. Estruturas que se desenvolveram para uma finalidade se desviaram, posteriormente, para outras funções. Tal é o caso do cerebelo; antes, controlador de movimentos de certos organismos, foi depois recrutado no ser humano a fim de armazenar memória para reações simples. Muitas unidades da mente já funcionavam e estavam bem ajustadas antes do aparecimento dos primeiros seres humanos. A capacidade de decisões rápidas e de sentir emoções estavam presentes antes que existíssemos.

AQUELES NÔMADES ÉRAMOS NÓS

O início da história humana, conforme Robert Ornstein, data aproximadamente, de 5 milhões de anos quando as florestas da África Oriental se escasseiam. Os antropóides que conseguiram se adaptar às pradarias sobreviveram, dando origem aos pré-humanos. Nestes primeiros seres fundem-se características do homem e do macaco. O Homo habilis de postura mais ereta que seu anterior, o Australopithecus, apresentava grande habilidade na utilização de instrumentos e de vida comunitária. Estava na fronteira dos primeiros humanos. Isso ocorre dentro de uma extensa escala temporal e cronologia evolutiva até chegar ao Homo erectus e Homo sapiens. Nosso cérebro alcançou o seu estágio atual de evolução, milênios antes do homem cultivar o solo enquanto que nosso corpo e nosso sistema nervoso são muito mais remotos. O cérebro daqueles nômades, daqueles pintores de caverna era o nosso. Anatomicamente o enorme córtex que possuímos é igual ao de nossos ancestrais. Suas mentes eram iguais às nossas.

EXTRAORDINÁRIO AUMENTO DO CÉREBRO



Houve um extraordinário aumento do cérebro há 2 milhões de anos atrás. O cérebro teve a mais rápida transformação evolutiva conhecida. Isso se deveu não só aos desafios de sobrevivência, mas a outros fatores como a posição bípede, aumento do fluxo de sangue na cabeça e outros fatores. Mas, o que parece ter tido a maior influência foram as pressões fisiológicas sobre o cérebro. Por que o Cérebro ficou tão grande antes que esse tamanho fosse necessário? Essa pergunta é objeto de grande perplexidade.

O CÉREBRO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A unidade básica da mente é o neurônio. As conexões entre os neurônios são as sinapses através das quais as transmissões excitatórias (ou inibitórias) podem ser feitas de um ou mais neurônios para outros. Calcula-se que, certos neurônios recebem mais de 100.000 terminais sinápticas. Ao estabelecer contato, os neurônios pré-sinápticos e pós-sinápticos ficam separados pelas sinapses sobre as quais os transmissores químicos "pulam" para transmitir seus sinais. Cada célula nervosa e o próprio cérebro produzem drogas poderosas (neurotransmissores) para influenciar e controlar nossas funções corporais e mentais, num fluxo incessante de mensagens químicas. Embora, a anatomia do cérebro humano seja basicamente a mesma do cérebro dos primatas, o córtex, a camada exterior do cérebro, é bem mais desenvolvida no homem.

SOMOS MAIS PRIMITIVOS DO QUE SUPOMOS: OS "PATETAS"

Tanto os neurônios quanto a mente apresentam forte reação diante de estímulos novos e não reagem de modo significativo quando tais estímulos são constantes. Como as necessidades dos organismos são em geral imediatas, a mente se adaptou para operar instantaneamente diante das primeiras manifestações dos eventos e menos às subseqüentes. Como conseqüências temos as distorções e deslocamentos cometidos por nossa mente em muitas situações. As primeiras rotinas mentais ("patetas", como diz o autor) desenvolvidas para favorecer a rapidez de ação e a sobrevivência, foram mais tarde mobilizadas para apreciações mentais. Daí resulta que nosso velho cérebro nos níveis superiores de percepção sofre limitações semelhantes às que existem nos níveis inferiores. Na verdade, muitas operações da mente, nossos processos neurológicos básicos, estão baseados em adaptações biológicas de mais de um bilhão de anos.

PRAGMATISMO DO CÉREBRO

Nosso sistema nervoso deve lidar com bilhões de eventos e o faz recorrendo a rotinas que se encontram disponíveis. O cérebro age com economia, isto é, cancela reações a coisas que não mudam, deixando assim espaço neurológico para as reações a aspectos que se modificam. Nesse sistema de processamento do mundo, os calços neurais da mente desenvolveram-se em parte para selecionar apenas o que fosse útil à sobrevivência. Dado que a maioria das emergências consiste em mudanças repentinas, a mente está programada para reagir a essas mudanças e não para o que está realmente acontecendo. Constate isso num simples experimento. Num banho de chuveiro, deixe a água o mais quente possível cair na sua mão; depois saia debaixo da ducha e ligue a água fria. Deixe a água fria cair sobre seu torso e depois, rapidamente sobre sua mão: a água vai parecer fria numa parte do corpo e quente na outra. A mudança sinalizada para o cérebro foi baseada numa comparação de eventos. Como nunca experimentamos duas vezes, de modo idêntico a mesma situação, seria antieconômico ter um sistema que reagisse de modo diferente a cada estímulo. Esses e outros processos funcionaram bem



nas reações a perigos súbitos. Era uma boa adaptação para a sobrevivência imediata num mundo primitivo. Mas, hoje nossas vidas estão cheias de problemas a longo prazo e não, basicamente, de perigos imediatos.

O MUNDO ORGANIZA A MENTE

O Mundo seleciona o que precisa e nos limita. Segundo a teoria do Darwinismo Neural, os neurônios sofrem uma seleção natural de um tipo diferente: selecionam-se e se juntam durante o nosso desenvolvimento em função de sua estimulação. A estimulação diferenciada organiza o cérebro de maneira diferente de um indivíduo para outro. O sistema nervoso começa com um grande número de capacidades e vai elegendo-as em nossos primeiros anos de vida de acordo com os requisitos ambientais. Esse processo, que é adaptativo, termina por especializar e restringir nossa mente antes tão genérica.

COMO O CÉREBRO SABE O QUE VOCÊ FAZ ANTES DE VOCÊ

Como disse Rumi, "Existem mil formas de mente". Existem centros de mente diversos no cérebro. É freqüente não nós darmos conta disso até vermos o que se passa. Reagimos a muitas ocorrências das quais nem sequer temos consciência. Em algumas ocasiões nós nos sentimos possuídos de mais de um eu. Em virtude de nossa evolução, somos uma sobreposição de eus e de reações específicas. Descobertas recentes da neurofisiologia e da neuropsicologia questionam seriamente quem seria o responsável por nossas ações - inclusive aquelas deliberadas, conscientes. "PATETAS" em choque com nossa suposição de que nós, nossos eus conscientes, estão no controle imediato de nosso comportamento. Entretanto, ao que parece, todos os nossos movimentos são planejados e iniciados fora de nossa consciência, por muitos dos "patetas" dentro do cérebro. Benjamin Libet e seus colegas (1982) demonstraram a existência de centros independentes de controle neural na mente. Isso não se deve à falhas do sistema nervoso mas de racionalização de ações: é mais simples e mais prático ter um grupo de "patetas" em vez de um sistema onisciente atuando por nós. Nossa organização cerebral múltipla maximiza nossa capacidade de reagir a algumas dimensões essenciais do universo. Podem ocorrer experiências incríveis, ao permitir que uma de suas "mentes" opere independentemente. É o que acontece com certos pilotos de fórmula 1 quando vão além de seus limites.

O EU EM SI, UM DOS "PATETAS"

Podemos também constatar o funcionamento dos diversos centros da mente, quando não sabemos se confiamos em nossa primeira reação intuitiva ou se seguimos nosso plano deliberado. Aquilo que chamamos de intuição ou percepção subliminar pode ser o recebimento de informações por parte de um centro inacessível à consciência. Nossa presunção de coerência e lógica é mera ilusão. O eu em si não passa de um dos grandes "patetas" dentro do cérebro. O eu está muito mais ligado às emoções e às reações automáticas do que ao pensamento e raciocínio conscientes.

SOMOS TODOS "PATETAS" OU POR QUE EU FIZ ISSO?

Por que fugi? Por que não consegui controlar-me? Nossas emoções parecem ter mentes autônomas. As emoções têm uma rede neurológica distinta das reações conscientes, baseadas na razão.

FABRICAMOS NOSSA REALIDADE

Adaptamos nossa realidade no mundo num instante fugaz, sem tempo para pensar. Apenas somos capazes de formar uma opinião genérica. Em nosso mundo de vigília, somos tão sonhadores quanto aquele em que estamos dormindo.

RESTRINGIMOS A REALIDADE

Nossa mente avalia os eventos influenciada pela facilidade com que recordamos exemplos específicos. A mente ao tentar manter o mundo pequeno e limitado, exagera as pequenas mudanças no mundo e ignora as grandes. Isso é outro comportamento herdado de nossos ancestrais. No seu mundo restrito, nada se podia fazer quanto às alterações fundamentais do planeta. Não é bem o nosso caso.

NÃO SOMOS TÃO "PATETAS"?

Também podemos delegar aos "patetas" sob a consciência, as decisões sobre reações rápidas. Os estudos sobre a origem da decisão para agir mostram como dois componentes diferentes da mente podem atuar independentemente ou em conjunto. Depois que um centro de decisão inconsciente decide iniciar uma ação, segue-se um período de tempo durante o qual o eu consciente pode optar por detê-la. A consciência, o centro do sistema mental cerebral, pode vetar as propostas das mentes distintas; todavia, não controla ou nem mesmo tem conhecimento da origem dessas idéias e ações. A consciência entra em cena quando um controle deliberado e não automático se faz necessário. Um número ínfimo de nossas decisões passa pela consciência. Mas, ainda assim, podemos administrar a mente nos conscientizando das nossas reações automáticas.

A CRIATIVIDADE É UMA SAÍDA

Sob certas circunstâncias, podemos desviar-nos mentalmente e nos livrarmos do velho cérebro, graças à criatividade. Esta faz parte da evolução e funciona mais ou menos como a seleção natural, a qual sabemos, seleciona do ambiente as variáveis aleatórias que se revelam úteis.

ADAPTAÇÃO CRIATIVA

A partir do Homo erectus e da expansão cerebral, a humanidade começou a mudar o ambiente de acordo com sua conveniência. É o que René Dubos chama de adaptação criativa. Graças a ela e em função de um cérebro superdotado, o homem tem se adaptado a todas as regiões do planeta e até fora dele.

CONCLUSÕES

Temos usado nosso velho cérebro sempre em adaptação para avaliar eventos do mundo. A mente evoluiu bem para se adaptar ao mundo estável e restrito de nossos ancestrais. Sobrevivência imediata e defesa contra perigos súbitos constituíam os seus maiores problemas. Mas, nosso mundo se transformou de forma radical. Atualmente, nossa sobrevivência coletiva depende de decisões que não podem ser recrutadas na base da mente original. Dois problemas ocorrem de modo simultâneo: atavicamente, nossos



circuitos nervosos procuram restringir a realidade e insistimos na aplicação de rotinas mentais fixas para fins inadequados. Não se trata de falhas de racionalização mas de mais adaptações realizadas conscientemente.

Pensando em tempos menos remotos, constatamos que as mudanças vêm ocorrendo de modo cada vez mais radical e acelerado. O mundo mudou mais desde a Segunda Guerra Mundial do que dos tempos de Cristo até esse período.

Alvin Toffler, em A Terceira Onda, resume a história do homem a um modelo de três ondas. Na primeira onda, o homem.(ainda um primata) leva milênios para partir do estágio da coleta e caça para o estágio agrícola/feudal. Na segunda onda, o homem leva poucos séculos para a economia dar um salto do feudalismo rural para a economia industrial, urbana e de mercado. A terceira onda continua se acelerando para a "explosão informacional", a economia pós-industrial. Nessa sociedade inteiramente diferente, exige-se cada vez mais um homem radicalmente novo. Lembrando Robert Anton Wilson, Ascensão de Prometeus, o homem médio moderno será tão obsoleto após o ano 2000 quanto o servo medieval o é agora. "O mundo a que estamos adaptados não existe mais".

A espécie humana encontra-se agora num ponto crítico. Urge acionar a "adaptação crítica" para enfrentarmos problemas dramaticamente complexos num mundo sem precedentes. Para isso temos que redirecionar nossas mentes, usando programas maciços de mudanças conscientes. Isso não será tão difícil, dada espantosa adaptabilidade do homem com seu cérebro tão bem dotado. A mente contém múltiplos tipos diferentes de adaptação esperando serem chamados. Requer-se uma revisão de base das experiências da infância, do aprendizado e da informação que nos cerca.

Precisamos identificar os possíveis pontos da mente suscetíveis de alteração e os modos como captamos informações do mundo para verificarmos o que está consolidado e o que pode ser mudado. Um ponto chave em todo esse processo é saber administrar as nossas rotinas mentais. Somos um conjunto de mentes ("patetas") que entram e saem de ação e temos a ilusão de que somos um indivíduo uno. A consciência existe e tem força potencial, mas requer treinamento para não ser esmagada por outros fatores. Não se trata pois, de obter mais informação, mais pensamento crítico tendendo a um mecanismo lógico. Urge uma reconciliação verdadeiramente moderna do científico com o espiritual. Em nosso tempo, assistimos ao fim da evolução acidental. Não haverá mais evolução biológica sem evolução consciente. O ritmo das alterações é violento demais para que tentemos nos adaptar inconscientemente. Cabe a nós mesmos a direção de nosso desenvolvimento futuro.

Referências:

Ornstein, Robert. 1991. A Evolução da Consciência. Ed. Nova Cultura Ltda. S.P.
Wilson, Robert A. Ascensão de Prometeus.

D.H. - Grupo de psicólogos - 1990